

| Ensaio

A PALAVRA PERPLEXA: DIFICULDADES DE SER ESCRITOR NO BRASIL

Por Bruno Gaudêncio

I

EM UMA DE SUAS MAIS BRILHANTES REFLEXÕES, o carioca Machado de Assis, - maior expoente da história literária brasileira, se refere à geração romântica, posterior a sua, nas seguintes palavras: “*cada século traz a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões*”.

O lirismo de tal meditação nos alerta sobre as constantes mudanças em cada período histórico no âmbito da produção literária de um país durante um século. No caso específico de Machado, há um deslumbramento no olhar sobre o choque das gerações existentes, que se cruzam ao longo do tempo, entrando em conflitos estéticos, políticos e ideológicos. Tanto a geração romântica, anterior a sua, como a geração naturalista e/ou realista da qual ele fez parte, possuíam um conjunto de ideias que se firmaram de acordo com os *habitus* literários em eminência no século XIX.

Uma curiosidade sempre presente – inclusive nos dias atuais, não só entre críticos e historiadores literários, como também entre leitores, é justamente a compreensão de quais “*luzes e sombras*” são constituídas a atual literatura brasileira, em que “*cortejo de sistemas, de idéias e ilusões novas*” faz parte os nossos mais recentes escritores no início do século XXI. Deste modo, ficam as seguintes perguntas: O que singulariza a atual Literatura Brasileira? Quais os seus principais expoentes? O que faz um indivíduo nos dias atuais ser um escritor? Estas e outras questões são algumas das principais temáticas que irão compor um inquérito literário que pretendo publicar nos próximos anos, e que nesta revista, apresentarei apenas o primeiro capítulo. Tal inquérito, intitulado *Sacudindo os Sentidos do*

Mundo: ensaios sobre a produção literária brasileira contemporânea, visa de maneira geral compreender os papéis dos nossos novos escritores na sociedade brasileira atual.

II

Neste ensaio, o objetivo específico será entendermos quais as principais dificuldades de ser escritor no Brasil na atualidade. Para responder tal questão formulei um questionário, na realidade, mais do que isso, uma espécie de inquérito literário (à moda do jornalista carioca João do Rio). As perguntas foram enviadas via e-mail, entre os meses de julho e agosto do ano de 2007, para 43 escritores brasileiros contemporâneos – todos eles, nomes destacados do cenário literário brasileiro atual, das mais variadas tendências formais, gêneros, gerações e lugares do País. Destes 43 escritores, 21 responderam ao questionário. Foram eles: *Amador Ribeiro Neto, Andréa Del Fuego, Antonio Cícero, Bernardo Azenberg, Braúlio Tavares, Cíntia Moscovich, Cláudio Daniel, Fabrício Carpinejar, José Aloise Bahia, Lau Siqueira, Linaldo Guedes, Luis Estáquio Soares, Marcelino Freire, Márcio de Sousa, Nelson de Oliveira, Nicolas Behr, Nilto Maciel, Paulo de Toledo, Paulo Henriques Britto, Pedro Maciel, Rinaldo de Fernandes e Verônica Stigger*. Ou seja, cerca da metade dos questionados responderam; alguns deles, inclusive, elaboraram respostas de alta qualidade, demonstrando assim que boa parte de nossos escritores têm um interesse nas questões debatidas.

Com as respostas, que se mostraram bem dispares montei este primeiro e pequeno ensaio, embasado não só nas opiniões dos depoentes, como também nas minhas e em alguns livros que tratam atualmente sobre a literatura brasileira contemporânea.

Vamos enfim ao texto, intitulado de *A Palavra Perplexa...* Uma referência aos dilemas da atividade literária em meio às dificuldades de ser escritor no Brasil...

III

Todas as atividades humanas têm as suas dificuldades; a medicina, a engenharia, o jornalismo, a enfermagem; todas enfrentam variados problemas cotidianamente, que podem ser de ordem técnica, intelectual, de infra-estrutura ou de formação. E não é diferente com a arte da escrita; o escritor, tanto nos dias atuais como no passado sofre ou sofreu em seu

campo de trabalho com vários dilemas, sejam de ordem interna ou externa, o que influi diretamente em sua produção.

Indagando aos nossos entrevistados quais seriam as principais dificuldades de ser escritor no Brasil nos dias atuais, alguns deles foram enfáticos ao deixarem claro, antes de tudo, que o exercício literário tem suas dificuldades em qualquer tempo e espaço. Desde que se formou a noção de escritor, de autoria, o que nos remete a modernidade dos séculos XVIII e XIX, o sujeito que escreve e que vive a comercializar suas produções literárias, sofre com dilemas complexos. Nas palavras do poeta gaúcho, radicado na Paraíba, Lau Siqueira: *“Não só no Brasil, mas em qualquer país do mundo, escrever é o maior obstáculo que um escritor pode enfrentar”*. Todavia, nos dias atuais, segundo Pedro Maciel: *“No Brasil é ainda mais difícil porque ninguém lê e o mercado de ficção e poesia é praticamente inexistente”*.

A concepção das respostas dos escritores entrevistados podem ser compreendidas em duas linhas gerais, que muitas vezes se cruzam. A primeira linha está ligada às questões sociais e políticas que inviabilizam a prática e o consumo de literatura no Brasil (baixo poder aquisitivo, alto índice de analfabetismo, etc.). Já a segunda linha está relacionada às próprias questões internas do campo literário (como as dificuldades de serem publicados, de distribuição e divulgação, ou seja, os dilemas com o mercado editorial).

IV

No Brasil quase ninguém lê

As motivações de ordem político-sociais foram as mais salientadas pelos entrevistados. As carências estruturais (sociais, educacionais, econômicas) do nosso país, como baixo poder aquisitivo da população, alto índice de analfabetismo e sistema educacional precário, foram enfatizados no sentido de que estes fatores complicam e dificultam a aproximação dos leitores com a literatura. *“Tudo fica difícil nesse país, desde o básico, como atendimento médico, até o pretensamente mais sofisticado, como viajar de avião. É difícil querer que as pessoas valorizem o trabalho do escritor se não têm o mínimo necessário”*, destaca a romancista paranaense Cíntia Moscovitch, autora do Romance infanto-juvenil *Por que sou gorda, mamãe?*

No mesmo sentido de Moscovitch se referiu o poeta e crítico cultural mineiro José Aloise Bahia: *“No fundo, no fundo, ainda acho que perpassa todas as questões, uma questão*

bem maior: o tratamento dado à cultura e à educação na história do Brasil. Ou seja, resta saber o que os âmbitos públicos e privados fazem com isso, que tipo de valorização existe em relação à literatura e à leitura no Brasil. Um povo que não tem um preparo intelectual, estudos e leituras, um estímulo e educação para a leitura, com certeza, fará com que um mercado consumidor da leitura, de livros e da própria internet seja menor”.

No Brasil, o índice de analfabetismo em 2002 foi de 11,8 %, correspondente a 14,6 milhões de analfabetos nas cinco regiões do país, dados do último Censo do IBGE. Em 1992, a taxa era de 17,2%, o que mostra um declínio de quase 30% em dez anos. Em 2004, os dados do IBGE mostraram ainda uma forte tendência à universalização do acesso à educação para as crianças entre 7 e 14 anos: em, 2002, cerca de 97% frequentavam a escola. Entre as crianças até 6 anos, no entanto, só 36,5% frequentavam creche ou escola. Estes dados positivos, porém, devem ser encarados como uma melhoria de uma situação que sempre se manteve precária.

O outro problema, ainda que na mesma ordem, está ligado ao baixo poder aquisitivo do povo brasileiro. *“Temos que ter uma política cultural clara para a educação, para a leitura e para o mercado consumidor de livros no Brasil. Tem que existir mais estímulos dos setores públicos, das famílias e daqueles que realmente querem um país mais letrado e com maior capacidade de reflexão ao enfrentar os grandes problemas da realidade. Tem que haver uma melhor distribuição dos recursos públicos e uma melhor política (mais transparente e com mais recursos) para incluir a literatura, a leitura e tudo que advém disso no cenário da economia nacional. Sem investimentos nisso, é duro ser escritor no Brasil”*, refere-se José Aloise Bahia.

O fato do livro custar caro colabora com este problema, faltando assim uma política de diminuição dos preços. Segundo alguns escritores, como é o caso do romancista Pedro Maciel, a política de difusão de livros no Brasil não é homogênea: *“Existe um mercado muito aquecido para o mercado de livros paradidáticos e didáticos. O governo brasileiro é o maior comprador de livros didáticos do mundo.”* Tal constatação é realmente verdadeira. Os livros didáticos fazem parte de uma rede de interesses privilegiada no mercado de livros do Brasil. Alguns autores, inclusive, ganham a vida exclusivamente produzindo textos a serviços de editoras especialistas. Até aí tudo bem, todavia, o fato de privilegiar apenas uma parte do mercado editorial demonstra o descompromisso com a literatura de maneira geral pelo viés do governo Federal.

Na contramão dessa política, apesar do grande número de livros didáticos e paradidáticos, somos um povo que não tem o hábito da leitura e isso cai no debate sobre as explicações culturais ou culturalistas. Inclusive nas classes mais favorecidas e aparentemente mais intelectualizadas. *“Recentemente houve uma pesquisa que indicou o baixo número de leitores entre os universitários brasileiros”*, destacou o contista e ensaísta maranhense Rinaldo de Fernandes, autor do belíssimo *O Perfume de Roberta*. Muitos falam na crise do leitor, ou do livro, como os estudiosos franceses Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Todavia, de acordo com a romancista carioca Andréa del Fuego, mais do que uma crise do leitor, vivemos uma crise do livro, pois ele *“é um objeto caro e mal divulgado”*, por outro lado, ela destaca o fato que *“Há obras de arte por seis reais em banca de jornal, em toda esquina”*. Mais um paradoxo nesse contexto, pois diante dos altos preços da maioria dos livros das famosas editoras brasileiras, existem vários textos literários disponíveis, clássicos da literatura e da filosofia, sendo vendidos a preços ínfimos em bancas de jornal, em farmácias e supermercados de todo o Brasil, sem falar nos livros a disposição na internet. Essas obras, em formato de bolso, estão inclusas na política econômica e cultural de algumas editoras que recentemente fizeram muitos sucessos com lançamentos baratos, como a L&PM e a Martin Claret, o que incitou editoras mais famosas, como a Companhia das Letras, a também lançarem produtos semelhantes. Entretanto, apesar destas políticas editoriais, a conclusão que se chega é da ausência cada vez maior de leitores e leitoras no Brasil.

Não podemos esquecer ainda das Bibliotecas Públicas espalhados por todo o país, e que deveriam ser sempre uma porta para o hábito da leitura. Abro um parêntese para escrever um pouco da minha experiência neste sentido. Desde adolescente frequento as principais bibliotecas públicas da minha cidade, Campina Grande, Paraíba, e foi lá que aprendi, entre as estantes e corredores de livros e revistas a tomar gosto pelos livros. Não foram as insistências e imposições da família ou da escola que me fizeram tornar-me um leitor assíduo.

Mas deixando de lado os fatores pessoais e voltando às questões relacionadas aos fatores culturais de nossa indisponibilidade ou aversão a leitura, fica a dúvida: nós brasileiros, seríamos bons leitores se houvesse uma melhoria da educação? Comprariamos mais livros caso o poder aquisitivo da população fosse maior? Como um problema estrutural, que rompe as barreiras dos tempos e espaços, essas interrogações caem infelizmente numa futurologia inconstante. O que fica como ideal é que *“Ler deveria ser*

um prazer e não um hábito”, como bem disse Pedro Maciel, mas muitas vezes se torna algo penoso e forçado, nas escolas e faculdades e no próprio ambiente familiar.

Como já me referi acima, as concepções das repostas dos escritores entrevistados podem ser compreendidas em duas linhas gerais, que muitas vezes se cruzam. A primeira já foi trabalhada neste ensaio, ligada às questões sociais e políticas que inviabilizam a prática e o consumo de literatura no Brasil. Agora, vamos à segunda linha, relacionada às questões internas do próprio campo literário (como as dificuldades de publicação, distribuição e divulgação, ou seja, os dilemas do mercado editorial). Antes devemos compreender a ideia de campo literário, indispensável para pensarmos as tensões entre o escritor, o leitor e o mercado editorial no Brasil.

V

Questões internas do próprio campo literário

A literatura não é apenas um meio de que a consciência toma emprestada para exprimir, é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade.

Dominique Mangueneau. In: O Contexto da Obra Literária: Leitura e Crítica.

A noção de campo de produção cultural, criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode ser compreendida como um espaço social onde estão situados os que produzem obras (escritores, poetas, jornalistas, etc.) e o valor intrínseco dessas mesmas obras, nas relações recíprocas no transcurso de suas atividades. Como assim? Toda obra e artista só existem dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis que definem a posição de cada um em relação à posição dos outros, ou seja, a uma posição social, em relação a uma posição estética. Esse conceito, também chamado de campo intelectual (versão mais ampla) muito explica as complexas teias de relações existentes entre o escritor, o leitor, a crítica especializada e o mercado editorial no Brasil e no mundo, por não ver com naturalidade as relações entre ambas, explicitando os conflitos muitas vezes encobertos.

A natureza do conceito está na concepção que todo campo tem seus *“dominantes e seus dominados, seus conservadores e sua vanguarda, suas lutas subversivas e seus mecanismos*

de reprodução” (BOURDIEU), havendo assim uma aproximação entre o próprio campo literário com o campo político, visto que, segundo o sociólogo, tanto num campo como no outro, trata-se entre suas práticas de uma questão de poder. *“Aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses, etc.”*

Estas relações de força podem ser exemplificadas muitas vezes nas próprias regras que são criadas para a publicação, por exemplo, quando um autor consagrado faz um comentário positivo ou um prefácio elogioso a um livro de estréia de um escritor jovem e ainda desconhecido. A estratégia existiu e implicou certos interesses políticos internos dentro do próprio campo. Esta estratégia esta ligada à questão do reconhecimento de uma obra e da entrada de seu autor por parte do campo. Portanto, existem traços equivalentes entre o campo político e o literário. Nas palavras de Bourdieu (2004): *“O campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico.”*

O capital simbólico, citado acima, seria, portanto, o capital de reconhecimento ou de consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. Este capital simbólico será então a moeda que fará um escritor ser publicado por uma grande editora, ou não; ser criticado por um crítico literário famoso ou não...

A teoria do campo literário de Bourdieu pode ser vista como uma tentativa de evidenciar que ali onde pensávamos que havia um sujeito livre, agindo de combinação com sua pretensão mais imediata, existe, na verdade, um espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e de decisão de quem dele faz parte. É, pois, contra certa concepção de *autonomia do sujeito* que Bourdieu se insurge de modo enfático. E, ao longo de seu trajeto intelectual, ele elegeu sucessivos objetos onde seria admissível detectar a validade de uma subjacente rede de relações coagindo os sujeitos: a educação, a moda, a televisão, a produção intelectual e artística de uma época etc. (MARTINS).

Dessa maneira, o que se entende é que Bourdieu compreende então a sociedade como um campo de batalha operando com base nas relações de força manifestadas dentro da área de significação. Atitudes, práticas, grupos de poder e decisão, estruturações de imagens... São vários os âmbitos que informam o campo ideológico de uma dada cultura e, para

compreendê-los, o estudioso reconduz, de forma original, o estudo da simbolização às suas bases sociais.

Voltando aos dilemas do próprio campo literário e aos depoimentos de nossos inquiridos, o poeta e ensaísta Cláudio Daniel destaca os caminhos difíceis de se publicar no Brasil, que seriam segundo ele: *“Questões internas do próprio campo literário”*. Para aqueles escritores que estão iniciando a carreira literária, publicar é uma tarefa das mais complicadas, segundo o poeta e jornalista paraibano Linaldo Guedes, o escritor iniciante *“no mais das vezes só consegue isso quando ganha algum concurso literário. Ou, então, quando tem uma grana sobrando e banca seu próprio livro”*.

Além dessas dificuldades, podemos enumerar outras tantas, como: 1) a falta de distribuição das livrarias, 2) a falta de crítica de qualidade, 3) a inexistência de pagamento de direitos autorais, e por último 4) a carência de um número maior de bolsas e concursos periódicos.

Todas essas dificuldades recaem ainda mais fortes no campo da poesia, gênero mais difícil de ser consumido, segundo os nossos entrevistados. De acordo com o filósofo e poeta Antonio Cícero: *“É que a poesia só vale se for extraordinária, e o extraordinário não surge o tempo todo. E, se ela for extraordinária, exige muito também do leitor: de modo que tem poucos leitores”*.

Em relação ao mercado editorial há sempre a referência ao fato das grandes editoras se concentrarem no eixo Rio-São Paulo. Para Rinaldo de Fernandes, as dificuldades de ser escritor no Brasil dizem *“respeito ao acesso às médias e grandes editoras, que, efetivamente, distribuem o livro pelo país e possibilitam o acesso de um público mais amplo ao trabalho do escritor. As portas continuam fechadas nessas editoras (ainda muito centralizadas no eixo São Paulo-Rio) para um bom número de autores de talento”*. Esse mesmo mercado editorial tem problemas de divulgação e distribuição. Para o ótimo cronista e poeta gaúcho Fabrício Carpinejar *“A dificuldade é a distribuição dos livros. Publicar ficou mais fácil, pode ser uma edição artesanal ou de uma editora menor. O livro até chega nas grandes redes, mas fazer que seja repostado exige um grande poder de persuasão ou um selo mais forte. E como saberemos se o livro pode vender antes de vender? Ele desaparece cedo demais depois de dois meses do lançamento”*.

Procurando nas principais livrarias brasileiras, fica fácil perceber a ausência de livros. O recurso quase sempre é a internet, como um mundo amplo de possibilidades de compra e venda de suportes literários. Mas, a presença de um editor que possibilitasse estratégias de

venda e distribuição em todo o Brasil é a realidade mais recorrente nas falas dos escritores entrevistados: *“Acredito que a grande maioria dos escritores brasileiros não consegue editor. E isso vem se agravando. Por outro lado, grande parte dessa grande maioria não tem “berço”, isto é, não leu o suficiente para saber escrever, não se exercitou o suficiente para elaborar um bom poema, um bom conto, um bom romance. Digamos que essas pessoas são semi-analfabetas. Nenhum editor (empresário) irá investir num livro que por si só é um fracasso”*, refere-se o contista cearense Nilto Maciel.

É verdade que a publicação ficou mais fácil, em parte pelos milhares de pequenas gráficas e editoras espalhas pelos vários estados brasileiros. Para Paulo de Toledo: *“Público nós temos. Uma dificuldade que os autores não mais encontram é a de encontrar público. Hoje, com a Internet, pode-se ter milhares de leitores. Eu conheci vários escritores que estão fora do eixo Rio-Sampa graças à web. Logicamente, a Internet tem muito lixo, mas aí é que entraria a crítica, separando o joio do trigo, levantando a discussão de “critérios” estéticos etc. etc. etc”*.

No contraponto a esse aumento de público e à ausência de leitores sofisticados, *“Setenta e cinco por cento dos brasileiros são analfabetos funcionais. São pessoas que não conseguem compreender sequer uma simples notícia de jornal. Do grupo restante, alfabetizado, poucos apreciam a literatura, mesmo a mais rasteira: os guias de auto-ajuda, os romances superficiais, essa patacoada toda. A grande literatura, então, dessa nem se fala. A primeira edição de um bom romance, de uma boa coletânea de contos ou de poemas leva anos para se esgotar. As principais dificuldades do escritor no Brasil são essas duas: a falta de leitores sofisticados e, em conseqüência disso, a falta de editores interessados em prestigiar os autores mais sofisticados”*, explica um dos mais destacados nomes da literatura brasileira contemporânea: Nelson de Oliveira.

Outro dado relacionado às questões internas do próprio campo literário que foi referenciado pelo poeta Paulo Henriques de Brito é a insuficiência de bolsas, concursos, etc. Para ele *“são insuficientes os prêmios, bolsas e cargos de escritor residente em universidades que, nos países desenvolvidos, permitem que escritores não comerciais se dediquem à literatura”*. Ainda sobre a mesma linha, a curitibana Cíntia Moscovitch refere-se *“Há algumas regalias preciosas, como a bolsa de criação literária da Petrobrás, que é uma lufada de ar fresco nesse deserto. Mas sempre haverá quem não ache bom ou justo. São os mesmos que acham que escritor trabalha de graça. Pensar também custa caro”*.

Por outro lado, Veronica Stigger afirmou em nossa entrevista: *“Eu particularmente não sinto dificuldade em ser escritora no Brasil. E não conheço a realidade dos escritores de outros países para poder traçar um paralelo. Aqui no Brasil, parece-me até que há cada vez mais incentivos para a produção literária, com prêmios e bolsas”*.

São os diversos lados da mesma moeda...

Para alguns entrevistados, a questão da desqualificação da crítica parece algo preocupante. É o caso de Paulo de Toledo, quando afirmou: *“Outra grande dificuldade enfrentada pelo escritor brasileiro é a falta de uma crítica rigorosa e bem informada. Sem essa crítica, a escolha dos melhores fica por conta do “famigerado” (Rosa dixit) compadrio. Pra ser escritor de sucesso no Brasil, deve-se ter um círculo influente de amigos e, de preferência, morar em Sampa ou na “Cidade Maravilhosa”*.

Mas, apesar de todas as dificuldades, dilemas e angústias, como a falta de distribuição das livrarias, a ausência de uma crítica de qualidade, a inexistência de pagamento de direitos autorais, a carência de um número maior de bolsas e concursos, existem aqueles que procuram pensar positivamente e ir em frente, sempre. Na realidade a escolha por ser escritor é uma maldição das mais apaixonantes, que embriagam de uma forma abissal aqueles que se dedicam a arte da palavra, mesmo que seja perplexa. Terminei este ensaio ou inquérito com a palavra do contista pernambucano radicado em São Paulo, Marcelino Freire, figura sempre presente nos círculos literários brasileiros e agitador dos mais constantes: *“Eu sempre gosto de me lembrar disso. De que eu sou um escritor no Brasil. Em um país que não lê. Gosto de lembrar de que eu sou um escritor contemporâneo, novo, no solavanco. Lembrar disso me faz não “estrelar”, entende? Faz com que eu não me sinta o dono da cocada branca. Por isso, eu preciso sempre circular. Levar o meu texto em tudo que é lugar. Feito cantador, embolador. Ser escritor em meu país, pelas dificuldades todas, é isso: sair do casulo. Do pedestal. É ganhar o leitor a dedo e a olho e à unha, etc. e tal’*.

Fica a lição, não o exemplo...